

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GRADUAÇÃO PEDAGOGIA

O ATO DE EDUCAR EM PAULO FREIRE

Por Flávia Assis de Carvalho

Orientador

Professora Doutora Ângela Maria Martins

RIO DE JANEIRO

2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO**

GRADUAÇÃO PEDAGOGIA

O ATO DE EDUCAR EM PAULO FREIRE

Apresentação de Monografia à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga com habilitação para a Educação Infantil, Séries iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Por Flávia Assis de Carvalho

DEDICATÓRIA

Sinto tua presença, com olhos cheios de lágrimas com o coração transbordando de orgulho. Tenho certeza de que, onde estiveres, está repartindo comigo esta alegria. Estou realizando um sonho meu e teu e só consegui porque tenho você dentro de mim....Dedico à Memória do meu herói e pai, que me deixou de herança a luta por um mundo justo

Dedico à minha mãe, que se sacrificou por mim e que se enche de alegria ao assistir minha conquista...

Aos excluídos e oprimidos deste mundo, que me impulsionam a fazer educação para lutar em favor de uma sociedade realmente digna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao exemplo que recebi, desde muito pequena, dos meus pais que me mostram o valor do caráter.

A toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Minha fada madrinha e vó que sempre demonstrou o grande orgulho que sente por mim.

Meu grande amigo e amor Fernando que é minha força para, a cada dia, querer ser mais...

Minhas grandes e melhores amigas que me ensinam e me trazem muitas alegrias,

Aos meus alunos que mostram a mim que amar é muito simples., que transformam a sala de aula em um lugar encantador...

Aos professores que passaram pela minha vida e que desvendaram a beleza que é ensinar e aprender e contribuíram decisivamente para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

À minha querida professora Ângela. Pelo exemplo de educadora que pretendo seguir. Além da grande parceria e apoio para a elaboração deste trabalho.

Ao Notre Dame, escola que abriu as portas no momento em que eu precisava aprender. Lá encontrei estímulo que me permitiram levar até ao fim este trabalho. Escola e pessoas que me abriram as portas e o coração para que eu desse mais este passo.

À Paciência de Márcia Rosane e Roseane Caputo, duas grandes professoras que me apoiaram e ajudaram na minha formação.

À Memória de Paulo Freire e Karl Marx, que deixaram em seus escritos ensinamentos para a vida toda

RESUMO

Este trabalho analisa a educação sob o olhar de Paulo Freire, um educador brasileiro que escreveu muitas obras voltadas para a educação de jovens e adultos, reflete criticamente a educação de modo a possibilitar a transformação dos educandos em sujeitos históricos e participativos. Partindo da idéia que a educação é um ato político e que não pode acontecer em momentos estanques, mas sim vinculada a um projeto social, este trabalho nos convida a pensar na educação como formação integral do indivíduo – o que contraria a educação preocupada somente com o ensino dos conteúdos. Concepção que pressupõe a formação e capacitação de um educador que aceita as diferenças, e respeita os saberes dos educandos. Dialogamos com Freire no intuito de compreender seus pressupostos teóricos e também exercer a educação como prática libertadora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – O Que É Educar	14
CAPÍTULO II – Educar É Um Ato De Amor	19
CAPÍTULO III – Educar É Um Ato Político	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	38

Introdução

“É preciso porém que tenhamos uma resistência que nos preserve vivos, na *compreensão* do futuro como *problema* e na vocação para o *ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para nossa *rebeldia* e não para nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na *rebeldia* em face das injustiças que nos afirmamos. Uma das questões centrais com que temos que lidar é com a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração justa da ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança no mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, nosso sonho.”
(FREIRE, 2007, p. 78-79. A)

A escolha do tema surgiu a partir de meu interesse por Paulo Freire. Logo nos primeiros períodos do curso de pedagogia, seus textos pareciam difíceis e incompreensíveis. Na verdade, eu não havia despertado para a importância de seus escritos, até por que não encontrava espaço para aplicar suas idéias na prática.

Com o passar do tempo, o curso de pedagogia, ampliou meu olhar, me despertou para temas que ainda não tinha questionado. Concomitantemente, entrei em sala de aula e comecei minha trajetória como educadora.

Com a intenção de pesquisar e aprimorar meu trabalho, procurei autores que contemplassem minha concepção de educação, não sei porque não procurei Freire, já que escreve exatamente de acordo com minhas crenças.

Ao final do curso, a instituição na qual trabalho propôs um estudo da obra *Pedagogia da Autonomia* – apresentada a mim bem no início do curso de pedagogia. Imaginei que não precisaria lê-la novamente. Acabei comprando o livro e decidi reler.

Desde esse momento, não saiu da minha cabeça a idéia de pesquisar mais e mais as obras de um educador ainda tão atual e amoroso. Identifiquei-me profundamente com suas palavras, sua filosofia, seu amor pela educação, sua indignação e sua vontade amorosa de mudar o mundo.

Com o desafio da minha prática pedagógica apresentou-se um espaço e uma razão para aprofundar as idéias de Paulo Freire. Estou procurando usar suas idéias, tão próximas às minhas, no meu ato de educar. É por esse motivo, que nada me move tanto a pesquisar e escrever senão sobre Freire.

Sabemos que a proposta de Freire emergiu a partir de seus trabalhos de alfabetização e pós-alfabetização nos movimentos sociais, em contextos não-formais. Paulo Freire propunha uma pedagogia específica, associando estudo, experiência vivida, trabalho, pedagogia e política.

Seu pensamento, a conhecida teoria do conhecimento, surgiu no nordeste brasileiro. Paulo Freire acreditava que metade daquele povo vivia na "cultura do silêncio", ou seja, eram analfabetos. Para obter a participação destes sujeitos, e assim educa-los, eram preciso dar-lhes a palavra e assim, conhecer a importância de sua participação na construção do Brasil.

Dentro desta idéia surgiu a conhecida concepção de Freire, na qual para que o educando aprenda a ler ele precisa primeiro, ler o mundo.

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto". (FREIRE, Paulo, 1986, p.113)

Assim, em toda sua proposta ele partiu desta idéia de que a construção do conhecimento acontece em um contexto, com sentido e com a participação dos educadores em comunhão com os educandos.

Na universidade conheci através de meus docentes e de experiências próprias, o sabor e a importância da pesquisa. E, dentro desta pressuposição, efetivo meu trabalho.

Estou ainda conhecendo verdadeiramente o sentido da pesquisa e suas causas e conseqüências. As causas podem ser a vontade de conhecer, a curiosidade, a necessidade de algum trabalho em determinada circunstância. As conseqüências, neste caso específico de minha pesquisa, a alegria na produção de um conhecimento, a busca incessante pelo saber, a descoberta de um mundo novo e novas concepções.

Pesquisa pressupõe estudo aprofundado para que dela resulte conhecimentos novos e assim, surge a possibilidade de produção de conhecimentos autônomos e independentes.

Para a realização da mesma é necessário processo metodológico, materiais adequados, mas o que há de fundamental em sua essência é o desejo de conhecer um determinado autor, um determinado assunto ou aprimorar seu conhecimento e no meu caso, minha trajetória na árdua tarefa de educar.

Acredito que desta pesquisa resultarão muitas outras. Primeiro por acreditar que o educador é um eterno pesquisador, e somente do estudo que se pode promover e deixar nascer verdadeiramente a educação. O segundo motivo é que na pesquisa mesmo, aprendi que nunca devemos parar de estudar e com isso, nasce a descoberta da delícia que é aprender.

Trazer Paulo Freire à minha pesquisa é uma forma de orientação para o processo de formação, pautado na reflexão crítica da prática pedagógica que implica em saber dialogar e escutar, que supõe o respeito pelo saber do educando e reconhece a identidade cultural do outro.

Mudar a educação pressupõe primeiro transformar-se. Pretendo com este trabalho monográfico, transformar-me para participar de um novo tipo de educação, usando como norte os princípios de Paulo Freire, acreditando no poder de transformação que a educação oferece.

Seus escritos ocasionaram a reflexão de um sujeito histórico e seu compromisso com a sociedade. Suas idéias podem ser um veículo de mudanças sociais. Em suas obras, encontramos um enfoque político e social. Nelas os educadores transformam-se em sujeitos históricos, comprometidos com o processo do educar e do aprender.

Paulo Freire levou-me a pensar na educação como uma formação integral, a considerar a sala de aula como um espaço de conscientização do eu e do todo. O educando deve se reconhecer como sujeito histórico e se identificar com sua cultura.

Neste trabalho, parto do pressuposto que a educação é um ato político e uma prática social crítica. Dialogo com Paulo Freire, buscando compreender "uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política" (Freire, 2007, p.20. C). Este estudo tem como objetivos principais: analisar os

pressupostos da teoria educativa de Paulo Freire ainda que de forma preliminar, e suas formulações teóricas acerca das possibilidades de utilização da educação libertadora no contexto escolar formal; identificar o papel dos educadores e educadoras a partir de sua teoria e avaliar as implicações desta no processo educativo. Tais objetivos surgiram a partir das seguintes questões: Quais são os principais pressupostos do método Paulo Freire? E o que torna o método Paulo Freire diferente e criativo?

Este trabalho será desenvolvido através de um estudo bibliográfico das obras do autor. As obras analisadas serão: *Pedagogia da Autonomia*, em que Freire demonstrou-nos que os saberes necessários à prática educativa devem nascer da amorosidade e da consciência política da participação/intervenção do educador, educadora e do educando na sociedade. Nos leva a refletir que a pedagogia que o educador e educadora deve testemunhar em sua prática é pautada na ética, na coerência, na decência, na humildade e na esperança;

Educação como Prática da Liberdade, exemplo de sua prática e suas propostas educacionais focadas em uma pedagogia da liberdade crítica e consciente, na qual o educando é um sujeito responsável e histórico. A organização das idéias de Paulo Freire neste ensaio é executada a partir dos pressupostos ideológicos e práticos que formam seu pensamento. O livro destaca sentimentos comuns como o amor e a fraternidade. Então, sugere os ideais e ações de mudanças partindo das experiências de homens e mulheres que conheceram os sentidos de liberdade à medida que obtinham conquistas na escolaridade tardia.

Não se pode entender o pensamento e as idéias de Paulo Freire desvinculados de um projeto social e político. Viver sua pedagogia na prática cotidiana exige dos educadores e educadoras o compromisso com a construção de um outro mundo possível, cheio de sonhos. Somos convidados a transformá-lo.

O autor formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que lutam contra esta opressão.

Pedagogia do Oprimido, um livro no qual o autor revela em seus estudos a opressão em que a classe popular é submetida e as implicações disto no universo educativo. Neste livro o autor trata especificamente da alfabetização dos jovens e adultos oprimidos e excluídos numa sociedade de

classes desigual. Paulo Freire, nos capítulos iniciais, apresenta os pressupostos basilares da Educação Libertadora. Para ele, o ser humano tem *uma vocação ontológica para o ser mais*. Consciente da sua inconclusão, o homem e a mulher buscam de forma permanente sua humanização, sua plenitude. Essa procura de complementação se dá na sociedade, ambiente de disputa de hegemonias e de choque de interesses. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire nos diz: “pensar no mundo é julgá-lo, e o alfabetizando ao começar a escrever não deve copiar as palavras, mas expressar juízos” (Freire, 1981, Contra capa), ou seja, educar é conscientizar e não uma mera transmissão de conhecimento.

Nos capítulos que seguem há uma abordagem específica de teorias de Paulo Freire e temas que julguei essenciais na formulação do presente ensaio.

No capítulo I há uma relação entre a idéia de educação dentro da perspectiva do autor, com a etimologia da palavra educar e sua origem. Neste sentido pude caracterizar algumas de suas teorias de acordo com o processo em que acontece a construção do conhecimento.

Assim, é possível entender em que pressuposições acontecem suas demais teorias, pois somente ao perceber o que é educar no olhar de Paulo Freire podemos atingir a compreensão do verdadeiro sentido da educação e como suas idéias podem ser efetivadas neste delicado e importante processo. A aquisição do conhecimento crítico aparece como resultado das aplicações das teorias de Freire. Desta forma é fácil compreender que o educando deve estar em constante exercício de construir e desconstruir a História e cada um dos aprendentes deve se ver como sujeito inserido e não independente da história.

Acreditando que a educação é um dos importantes veículos de transformação da sociedade, concluiremos neste tópico que o educar em Paulo Freire, origina descoberta de seres históricos, e a partir de então, há um movimento para mudança.

No capítulo II abordo a idéia da educação como ato de amor, pois é fundamental entender, dentro do conceito de Freire, que educar é amar. É um ato de solidariedade e afeto, pois somente nesta perspectiva que é possível consolidar dentro da sala de aula um espaço democrático. Mostro que para que a educação ganhe este corpo, é necessária a atuação dos educadores e

educadoras que afirmam essa expressão. Estas ações são exemplificadas ao longo do capítulo e não podíamos deixar de fazer referência ao professor que tem um importante papel na construção do conhecimento e é o sujeito que pode proporcionar este ambiente. Não é possível criar um ambiente propício para a educação crítica se o educador não respeita minimamente as diferenças na sala de aula. Este capítulo elucida que o pressuposto fundamental para a efetivação do amor é a aceitação das diferenças. Mostro também que os profissionais da educação devem ser capacitados para exercerem o papel de professores progressistas. Pois a construção do conhecimento deve partir dos conhecimentos adquiridos pelo educando ao longo de sua experiência e o professor não pode usar de sua arrogância e ignorá-lo. O educador amoroso respeita o direito de cada ser humano.

No último capítulo, apresentei um pressuposto importante das idéias de Freire: Educar é um ato político. Cito alguns exemplos de ações que corporificam esta proposta. Um dos focos principais é a alfabetização de jovens e adultos, trabalho, no qual Freire atuou fortemente e deixou grandes contribuições para os educadores. Caracterizei as experiências de jovens e adultos que aprenderam a ler e escrever tardiamente e as metodologias que puderam conhecer ao alfabetizarem-se. Paulo Freire aparece criticando as cartilhas e os materiais tradicionais que foram elaborados a partir de uma cultura de manipulação. Cultura que deseja manter uma massa alienada. Este tópico sugere que a educação não pode acontecer fora de um contexto político, social e econômico. É uma intervenção no mundo.

O eixo principal do capítulo é a percepção e tomada de consciência dos educadores e educandos como sujeitos que vivem o mundo e por isso, podem intervir na realidade, pois têm na educação a possibilidade de criar, construir, decidir, opinar, decidir, romper e então entendem que a realidade não é um dado acabado e determinado, é um estado a ser problematizado, um futuro como possibilidade.

Este último capítulo também esclarece que a efetivação da educação como ato político depende de educadores comprometidos que promovam uma educação baseada no diálogo e na criticidade. É essencial também que em sua prática, o educador rompa com a ideologia neoliberal que afirma que a realidade é uma fatalidade, um contexto que reina a ética do mercado e a do

lucro e amesquinha o ser humano transformando-o em moeda de troca. A educação proposta neste tópico é uma resposta a esta ideologia dominante que deseja oprimir uma massa excluída para justificar e reforçar o poder da elite. Uma educação que valoriza o ser humano e que mostra que ele é capaz de romper com essa realidade.

CAPÍTULO I

O que é educar?

Faz-se necessário inicialmente explicar o que é educar dentro da concepção progressista de Paulo Freire, assim como relacionar com a etimologia da palavra.

Educar vem do latim *educare*, que significa promover a educação; transmitir conhecimentos; ensejar condições para o educando modificar para melhorar seu comportamento, alterar hábitos e atitudes, a partir dos conhecimentos e aptidões adquiridos que orientam o desenvolvimento natural, progressivo e sistemático de todas as forças do educando.

Para Paulo Freire educar é construir, é criar no sujeito a consciência da liberdade e a possibilidade de romper com o determinismo, assim, trazendo na educação o reconhecimento de um indivíduo que arquiteta e interfere na história e na realidade de hoje e do futuro. Entende-se assim, que neste contexto, é necessário propor nas práticas pedagógicas que permeiam o ato de educar, a valorização e a vivência da identidade cultural. É a partir das experiências vividas pelos educandos, sua identidade, sua história que é possível inserir o indivíduo no processo educacional.

Formar sujeitos cidadãos é também, ampliar a visão do mundo, oferecer diversas possibilidades de olhá-lo e agir sobre ele; de perceber-se como ser único e, ao mesmo tempo, como parte de um grupo que tem desejos e interesses, às vezes, diferentes e conflitantes; perceber, aprender e a respeitar as regras de convívio social; apropriar-se e reconstruir saberes e a cultura.

As possibilidades de vir a amar, cuidar e preservar o que se conhece é maior do que com relação àquilo que se desconhece ou ignora. Um dos maiores desafios de uma educação crítica e reflexiva é promover situações em que os educandos relacionando-se uns com os outros a exercitem, segundo Paulo Freire:

“experiência profunda de assumir-se. Assumir – se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.” (FREIRE, 2007, p.41. A)

É partir dos próprios educandos que nasce o movimento para a liberdade, surgindo uma pedagogia elaborada com o sujeito e não somente para o sujeito. Entende-se que não basta que o sujeito tenha a consciência reflexiva da opressão das elites sobre os excluídos, mas sim que desperte para lutar pela transformação. Educar é conscientizar para a politização.

“Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar” (FREIRE, 2007, p. 33. A).

Nesta concepção Paulo Freire propõe a autonomia como alicerce para a educação dos sujeitos históricos e participativos. Segundo ele, autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Autonomia que está centrada nas experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, as respeitadas da liberdade. Dentro desta perspectiva educador e educadora atuam para provocar e promover situações estimuladoras em que o educando é direcionado a pensar e agir criticamente. Quando o educando conhece sua autonomia e passa exercê-la, abre um espaço na sala de aula para o nascimento de um sujeito político, participativo, cidadão. Um sujeito capaz de lutar pelo direito de ser respeitado e de reagir em face da opressão. Sujeito que respeita as diferenças e que conhece o valor dessas diferenças para a modificação da realidade. Sujeito que vive sua presença no mundo, reconhecendo-se como sujeito histórico, que sabe que sua experiência escolar é um momento importante que precisa ser vivido com autenticidade. Por isso ele afirma:

“Temos de respeitar os níveis de compreensão dos educandos - não importa quem sejam - [...] Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções

autoritárias como caminhos de liberdade. (FREIRE, 2003, p. 27)".

Somente dentro desse caráter e consciência, é possível criar na sociedade civil a capacidade de governar-se e de governar através de uma "esfera pública cidadã" (GADOTTI, 2005, p. 8).

A educação não pode ser imposta por educador ou educadora. É uma ação fruto da relação do sujeito com a realidade, em que o educador participa como facilitador ou mediador. Nesta perspectiva, Paulo Freire acredita que a educação e o ato de educar para a conscientização, não podem ser fechados e determinados como uma fatalidade, mas devem ser dinâmicos e estar em transformação contínua. Não é somente transferência de conhecimento ou de saberes de um educador autoritário que se mostra como detentor do saber. Educar é criar possibilidades para o sujeito produzir e construir seu conhecimento e assim, educar-se. É desafiar o aprendente a desafiar-se enquanto estimula a sua capacidade criadora e sua possibilidade de aventurar-se! Ao promover a educação, educador e educadora estabelecem a relação dialógica e não uma posição de poder. Numa educação progressista, o educador não é aquele que apenas ensina, mas sim que aprende com os educandos. Freire acredita que

"[...]o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos". (FREIRE, 1981, p. 78)

A educação deve trazer o educando para a vida, uma educação em que os professores são amorosos e comprometidos com este ato. A educação que se dá na "boniteza de ser gente", na qual o "ensinar e o aprender não podem dar-se fora da procura", fora da alegria. (FREIRE, 2007, p. 60-61. A).

É possível conceber a Educação como o alicerce para formar cidadãos críticos, lúcidos, participativos e reflexivos de suas ações. Essa educação funciona com "prática da liberdade". Freire diz que a educação deve vestir uma nova roupa, tirar a "roupagem" alienante e alienada e ganhar a força de

transformação e liberdade¹. Perde-se então, o caráter “domesticador”. Se a educação é baseada no respeito à natureza do ser humano, ela não pode acontecer separada ao desenvolvimento ético do educando.

Ainda segundo Freire, somente essa educação é capaz de transformar o cidadão, este que será capaz de transformar o mundo.

Parte-se do princípio que a educação tem o poder de transformar, e que nossa sociedade necessita de mudanças urgentes. Em favor dos excluídos, dos oprimidos, “esfarrapados do mundo”², contra a neutralidade na educação e na sociedade³, contra a obediência de uma classe à outra, contra os interesses do lucro, que amesquinha o ser humano e o transforma em mercadoria, em moeda de troca, contra essa:

“[...] ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal e anda solto pelo mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou virar ‘quase natural’”.

(FREIRE, 2007, p.19. A)

Contra a pedagogia das classes dominantes. Pela a educação pautada essencialmente na ética, pela luta, pela esperança, curiosidade epistemológica⁴, pelo olhar crítico, pela liberdade, pela decência, pela seriedade, pelo respeito necessário ao educando, ao educador e à educação.

Uma educação em que os educandos, além de aprender sobre os grandes problemas do país e do mundo, têm muitas chances de debater entre si, de criar regras, de trabalhar em equipe será um lugar onde haverá mais construção da cidadania do que em locais onde as crianças apenas recebem, passivos, lições sobre a democracia.

Nenhuma educação é verdadeira se não for baseada na reflexão crítica. Uma auto-reflexão situada no seu espaço e tempo. A educação deve possibilitar a elevação dos pensamentos das massas, ou seja, a politização das mesmas e o reconhecimento de cada um deve ser participativo e crítico. A educação deve pautar-se na liberdade, que respeita a vocação do homem em

¹ Ver FREIRE, Educação como Prática de Liberdade

² Ver FREIRE, Pedagogia do Oprimido

³ Paulo Freire diz em Pedagogia da Autonomia que a educação não pode assumir um caráter neutro....

⁴ Freire, Paulo. Pedagogia da Esperança, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1994. Freire, Paulo. À Sombra desta Mangueira, São Paulo: Olho D'Água, 1995.

“ser mais”⁵. O resultado deste processo é a aquisição de um conhecimento crítico e sugere, assim, o constante exercício de construir e desconstruir a História, cada educando deve se ver como sujeito inserido e não independente da história. A descoberta de seres históricos, originados a partir da constituição de saberes como estes, democráticos, implica na transformação profunda da sociedade.

⁵ Ver FREIRE, Pedagogia da Autonomia

CAPÍTULO II

Educar é um Ato de Amor

Em seus escritos Paulo Freire afirmou que "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (FREIRE, 1974, p. 96). Suas palavras e sua prática elucidam que a maior e mais bonita expressão do ato de educar é a solidariedade. Quem educa expressa solidariedade e amor aos educandos e à sociedade. Para exercitar a ética, o exemplo, a rigorosidade metódica⁶, os educadores e educadoras precisam, sobretudo, amar os educandos.

Entender que educar é um ato de amor e afeto, pressupõe ações dos educadores e educadoras que afirmam essa expressão. Viver a educação na sua essência é promover a aceitação das diferenças. Recusar fortemente qualquer forma de discriminação de gênero, raça, origem e classe social. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire faz uma bonita e tocante afirmação: "A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia" (FREIRE, 2007, p. 36. A).

O amor se concretiza e se afirma a partir da aceitação do que há de diferente. Aceitar o que o educando traz de experiência para a sala de aula. Partir de sua história de vida para mostrar-lhes novos conhecimentos e pontos de vista. Os saberes construídos socialmente, as experiências comunitárias não podem ser ignoradas por um educador autoritário e arrogante. É dentro dos universos dos educandos e educandas, sejam de classes populares ou não, que nascem uma aprendizagem significativa, a compreensão dos fatos, a percepção de seus papéis na sociedade e sua importância enquanto sujeito-cidadão. Amo e por esse motivo, respeito seu direito de ser.

O educador e a educadora amorosos e por isso, democráticos, promovem em seus espaços educativos a curiosidade. Os educandos devem poder confrontar suas idéias com o professor e a professora, por que a democracia e o amor permitem o respeito a opiniões alheias às suas. Posso

⁶ Ver FREIRE, *Pedagogia da Autonomia*. Página 26 (2007)

instigar a curiosidade, a criatividade, a criticidade, a insubmissão do aprendiz porque não tenho medo de não saber.

“Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não de transferir conhecimento” (FREIRE, 2007, p.47. A).

A humildade é também um grande instrumento da educação como ato de amor. O educador humilde entende que o educando não é o único componente do processo educacional. Devemos ter, como professores, a postura de mediador que certo de sua humildade aceita e promove mudança dentro do próprio ser. Provoca no educando uma inquietude própria que acessa, é curiosa, indagadora, verdadeira e viva. A curiosidade que de ingênua, torna-se epistemológica⁷ e crítica. O educador e educadora são aprendizes também, que se abrem ao novo e crescem com a vivência com seus alunos, sempre na busca do saber entendendo a fundamental importância da ignorância.

“Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de qual faço parte?” (FREIRE, 2007, p.67. A).

Formar implica amar não apenas o educando, mas o próprio processo de que o educador faz parte. A escola precisa ser um ambiente que propicia o educando um crescimento integral, em que ele se identifique como sujeito social, crítico e participativo. Escola com uma educação voltada à educação para a cidadania, para a ética e para o respeito ao coletivo. É dentro desta mesma perspectiva que estabelecemos uma consciência da responsabilidade social que temos enquanto sujeitos-cidadãos. Paulo Freire diz que o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas em que a autoridade docente e as responsabilidades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico (FREIRE,

⁷ Ver Freire, Pedagogia da Autonomia.

2007, p.92. A). Neste contexto cabe a escola amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural, cabe-lhe selecionar e rever criticamente a informação, formular hipóteses, ser criativa e inventiva (inovar), ser provocadora de mensagens e não pura receptora, produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E, a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. Nessa perspectiva da educação, a tecnologia não é nada sem a cidadania.

A educação do amor é fundamentada e ganha forças na esperança. O professor e professora esperançosos vivem a educação em favor da não negação do sonho. É minha postura esperançosa que me insere na experiência histórica como sujeito participativo e consciente ou como um ser determinado pela realidade. Compreender que a nossa História não é um dado pronto e acabado, pressupõe esperança. Pensar no futuro como uma realidade inexorável é recusar a natureza humana social e o sonho e a utopia. Existir no mundo supõe decidir, romper, optar, escolher, comunicar, lutar e fazer política. Ser pressupõe responsabilidades nas quais não podemos nos eximir, responsabilidades que não se fazem isoladas do mundo, isentas de influências de forças sociais. Herdamos história, cultura e experiências. A esperança como fé e como justificativa de lutar pela educação e pelo direito de ser professor pela decência e pela boniteza. É através dessa luta que podemos formar sujeitos políticos e conscientes de sua identidade cultural, social e humana.

Em uma entrevista a revista Nova Escola, em novembro de 1993, Paulo Freire fala sobre a esperança:

“Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo”
(FREIRE, disponível em http://novaescola.abril.com.br/especiais/paulo_freire/paulo_freire_ed71.htm, acessado em 05 de outubro de 2007)

Educar com amor é ter esperança na reinvenção do humano, na necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estão, é ter a opção pelo enfrentamento político. O ideal de Paulo Freire, continua revigorado e vivo no sustento da força da esperança e na recusa em admitir o esgotamento ou a morte da felicidade, na humanização do ser humano, na transformação da realidade. Esse é um ideal inacabável e amoroso.

2.1 O Papel do Educador

“É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão-crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional” (FREIRE, 1997, p.8).

Paulo Freire chama a atenção para a importância da formação de educadores e educadoras para uma prática docente democrática e crítica. Apesar de Freire a todo tempo dizer que o ensinante e aprende ao ensinar e que a construção do conhecimento acontece junto com os educandos, não significa que os educadores e educadoras possam ensinar sem a competência de fazer bem. “Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente.”(Freire 1997. p. 19).

É necessário que os educadores e educadoras exerçam sua capacidade crítica de analisar suas práticas cotidianas para que tenham a possibilidade de crescer e de oferecer o melhor para a educação. Somente observando e refletindo minhas ações, minha postura, posso fazê-la diferente no futuro. Acertadamente este autor nos diz que: “A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminada” (FREIRE, 1978, p. 65). Há sempre algo que possamos mudar ou acrescentar em nossa tarefa cotidiana.

Nossa tarefa é interminável, a cada dia temos coisas a acrescentar, a mudar, a retirar, pois o amadurecimento neste processo é fruto da reflexão em cima das experiências e da possibilidade de abertura do educador para que possa mudar métodos, posturas ou pensamentos.

Para isso, os educadores devem se perceber como seres inacabados ou inconclusos, sempre à procura do ser mais. Educar exige capacitação, formação e reflexão permanente. Viver sua profissão com seriedade e compromisso ético.

Capacitação e formação permanente dizem respeito a professores estudiosos, pesquisadores, leitores. Professores inquietos. A inquietude incita o estudo, o debate a investigação e a pesquisa.

O ensino dos conteúdos e a construção do saber crítico precisam estar associados às posturas intelectuais de educadores preparados.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esse que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE, 2007. p. 29. A)

Todos somos vivemos as experiências dos saberes do senso comum. Enquanto professores temos o dever de respeitar e abrir o espaço na sala de aula para este conhecimento. Porém, nossa tarefa é que no processo educativo haja a superação deste senso comum, pela promoção da curiosidade e da pesquisa. Surgindo enfim a consciência crítica do saber.

O professor que se acha completo, perfeito vive a arrogante ilusão de ser melhor que seus estudantes. Falta-lhe humildade, ética e sobretudo amor. Como foi dito anteriormente, o educador também é aluno. Refletir sobre sua prática pedagógica é fazer sua sala de aula reviver todos os dias com um novo sabor, aceitar que é passível de erros e que estes erros possibilitam amadurecimento e crescimento.

Em Pedagogia da Autonomia o autor chama atenção para a essencialidade do componente estético da formação do educador. “Decência e Boniteza de mãos dadas.” (FREIRE, 2007 p.32). O professor não pode perder a esperança

e a capacidade de sonhar. O educador ao ensinar dá um testemunho rigoroso da amorosidade. Conhece se espaço, suas possibilidade, seus educando e os ama. Luta pelo respeito à eles e à sua atividade. Exerce vigorosamente a ética para servir de exemplo aos educandos, exige ser coerente, o que Freire chama de pensar certo⁸. Além disso é tarefa da professora com o compromisso da rigorosidade metódica, ou seja reforçar, sempre, independente das circunstâncias, a capacidade críticas dos educandos. Instigar a curiosidade, a fim de desenvolver a insubmissão e o olhar crítico.

O autor fala da rigorosidade metódica como um compromisso ético indispensável na prática pedagógica de um educador progressista. É o que ele chama de aprender e ensinar criticamente. Na verdade é ser rigoroso nas ações e no pensar certo. Trata-se de rigorosidade nas ações e das palavras.

Esse compromisso deve estar pautado também na compreensão de que um educador não ensina ao transferir conhecimento, mas sim que os educandos são agentes do processo e que vão se tornando reais sujeitos da construção do saber.

Freire acredita que é impossível um professor crítico, comprometido com esta postura é um memorizador mecânico, repetidor de idéias. Este professor nada tem a ver com um profissional que desafia seus educandos.

“Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico⁹: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.” (FREIRE. 2007. p.28. A)

Neste sentido é necessário existir educadores disponíveis a questionar, indagar, investigar, criar, pesquisar, persistir e, sobretudo, sonhar.

Na concepção freireana, o(a) educador(a) possui uma opção política que envolve sua metodologia, os materiais escolhidos, os métodos utilizados e os

⁸ Ver FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra. 2007. p. 33 e 34.

⁹ Gnosiologia refere-se a filosofia que estuda a validade do conhecimento. Ver Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 1981. p. 79.

valores acerca do mundo que perpassam a sua ação pedagógica / educativa. Freire nos adverte que:

“O problema que se põe àqueles que, mesmo em diferentes níveis, se comprometem com o processo de libertação, enquanto educadores, dentro do sistema escolar ou fora dele, de qualquer maneira dentro da sociedade (estrategicamente fora do sistema; taticamente dentro dele) é saber o que fazer, como, quando, com quem, para que, contra que e em favor de que” (FREIRE, 1978, p. 69).

Não é possível um profissional da educação que deseje formar um sujeito-cidadão, “embebede” suas aulas de conteúdos formais soltos da realidade, sem conexão com os saberes, mesmo que curiosidade ingênua, dos estudantes. Não é possível que este profissional se permita ensinar alheio às condições sociais, históricas, culturais e econômicas de seus alunos, sua comunidade e sua sociedade. “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão” (Freire, 1997.p.9).

O autor julga a postura ética dos professores como exemplo para seus alunos. O professor que estuda, que se posiciona eticamente frente aos desafios da profissão é o educador que pensa certo. Pensar certo para ele é um pressuposto fundamental para uma educação progressista.

Ser um exemplo aos seus educandos é mostrar a eles que mesmo que em condições difíceis há uma forte luta do professor em favor do respeito que merecem a escola, a comunidade a classe do aprendente. Ser exemplo é corporificar as palavras¹⁰. Fazer com suas teorias expostas na sala de aula se tornem concretas no fazer cotidiano. É mostrar que esta luta não acontece fora da atividade docente, mas sim é parte integrante e essencial da mesma.

Freire em suas obras é enfático ao afirmar que o educador ético precisa adotar uma postura próxima ao seu discurso. Esse pressuposto se encontra com uma passagem anterior em que citei Freire para constatar que a rigorosidade é indispensável na prática de um professor ético. O educador coerente – que para Freire é o educador que pensa certo – age à luz de suas

¹⁰ Ver Freire, Pedagogia da Autonomia

idéias. "Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo."(FREIRE. 2007.p.34. A).

Por exemplo, um educador que diz defender o clima de respeito na sala de aula, mas torna-se bastante agressivo e arrogante ao sentir que um estudante discordou de seu posicionamento, este professor age com incoerência.

Somos modelos para nossos alunos, por isso nossas posturas precisam ser éticas. O diálogo entre o discente e o docente deve acontecer permanentemente. Se entendo que sou referência e que eles me percebem de acordo com meu desempenho, devo sempre testemunhar meu caráter ético. Esta idéia remete a outro posicionamento importante na concepção Freireana: que o professor não pode de ser neutro. A educação não aceita neutralidade. Um grande inimigo que temos que combater é a idéia neoliberal de que a educação deve ser neutra. Este espaço treina o educando para que "atenda" as exigências do mercado de trabalho.

Nossa maneira de estar no mundo não é imparcial, não podemos negar que enquanto cidadãos, somos seres políticos. Por que então, educar com práticas apolíticas?

Sou um sujeito de opções, pronto para intervir no mundo. Como então, afirmar que não tenho posicionamento diante de alguns assunto? "Devo revelar aos meus alunos a minha a capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho." (FREIRE. 2007.p. 98. A)

De acordo com Freire a educação seria neutra, caso em nossa sociedade existisse algum tipo de discordância ou divergência; uma sociedade onde todos pensassem da mesma maneira; mas isso não ocorre porque temos valores diferentes. Nem todo cidadão respeita a natureza do ser humano e explora um trabalhador em função do lucro.

Um educador coerente e ético, não pode ensinar conteúdos separados da realidade social e econômica, e tão pouco omitir suas posições políticas diante destas circunstâncias.

“Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas (...) Era preciso que não houvesse, em nosso caso, por exemplo, nenhuma divergência em face da fome e da miséria no Brasil e no mundo; era necessário que toda a população nacional aceitasse mesmo que elas, a miséria e fome, aqui e fora daqui, são uma fatalidade do fim do século. Era preciso também que houvesse unanimidade na forma de enfrentá-las para superá-las. Para que a educação não fosse um forma política de intervenção no mundo era indispensável que o mundo em que ela se desse não fosse humano. Há uma incompatibilidade total entre o mundo humano da fala, da percepção, da inteligibilidade, da comunicabilidade, da ação, da observação, da comparação da ruptura, da ética e da possibilidade de sua transgressão e a neutralidade não importa de quê.” (FREIRE, 2007, p. 111. A)

Recuso-me a parecer para meus alunos como uma pessoa que pensa e age como todas as outras que não se vêem como sujeitos de sua própria história. Assim como me recuso a mostrar que aceito as injustiças impostas pelas ideologias dominantes. “Lavar minhas’ mão em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele” (FREIRE, 2007, p.112. A).

Um componente muito importante na postura de um educador crítico e progressista é a promoção da curiosidade. A promoção deve acontecer dos dois lados: educandos e educadores.

Sabemos que a curiosidade é natural do ser humano e que sem ela não há minimamente a construção do conhecimento. Não posso permitir que deixe minha curiosidade morrer, pois ela me move. Sem ela, não aprendo, não ensino. Sou um memorizador. E, muito menos, inibir a curiosidade do educando por vaidade ou arrogância. Como educador verdadeiramente ético, meu compromisso é estimular ao máximo a curiosidade do discente e sua capacidade criadora:

“Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra.(...) A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma e também. O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve ser sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele.” (FREIRE, 2007, p.85.A)

Se no espaço escolar, não alimentamos a curiosidade dos aprendentes, desenvolveremos uma pedagogia da domesticação. E, curiosidade domesticada não é curiosidade. Se me preocupo que ensino dos conteúdos não aconteça por meio da burocracia da memorização, tenho o dever de lutar pelo direito de se implantar nos espaços pedagógicos a curiosidade.

A aprendizagem parte de um interesse inicial. Ensinar é mobilizar o desejo de aprender.

CAPÍTULO III

Educar é um ato político

Pensar na educação sob a ótica de Paulo Freire é entendê-la como um ato político. Política porque democrática, política porque ética.

Não posso ensinar se não vejo nessa ação a possibilidade de intervenção no mundo, se não vejo em minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas de quem a ele se insere. É a presença de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito da História. Não posso ensinar se acredito que a educação é neutra, se não me acredito como sujeito de opções. Opções de analisar, criticar, construir, sonhar, optar, decidir, romper, de ser ético, de ser justo. Não posso ensinar se vejo a História como um determinismo, que me impossibilita de sonhar com o amanhã, que me nega com ser humano, como sujeito histórico. O futuro, em Freire é uma possibilidade. Não posso ensinar se me vejo pronto, acabado, detentor do saber. Autoridade que nega a liberdade do educando que nega seu saber, sua opinião, sua curiosidade, sua alegria, sua vivacidade.

A educação como ato político sugere a intervenção no mundo e a compreensão de que é preciso romper com o sistema e com a ideologia dominante, para que se pretenda a igualdade de oportunidades e a justiça social. A ordem injusta imposta pelo sistema aos oprimidos impede o surgimento do *ser mais*. Por isso, Paulo Freire acredita que só a luta dos oprimidos pode restaurar a humanidade, iniciando-se uma sociedade igualitária e justa. A luta que pode ser iniciada dentro do âmbito educacional.

A superação da violência opressora, conforme Freire, só acontecerá a partir da *práxis libertadora*¹¹, com a consciência da presença no mundo que sugere o entendimento das condições opressivas, seus pretextos. Daí surge a ação transformadora, sem a qual nenhuma alteração histórica pode ocorrer. "A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso". (FREIRE, 1978, p. 39).

¹¹ Ver FREIRE, Educação como Prática de Liberdade.

Entendemos que a elite da nossa sociedade tem o interesse de acomodar as classes populares a fim de domesticá-las para não emergirem. Esse processo de domesticação acontece dentro de algum esquema de poder das classes dominantes. Para estas classes a manipulação é indispensável para reforçar o poder e os privilégios dos opressores e assim usando os oprimidos, que renunciam à sua liberdade, para servirem aos seus interesses. São as chamadas "massas de manobra", que desvinculam-se de seus interesses e oferecem um suporte de legitimidade ao regime que as mantêm dominadas.

Os educadores chamados por Freire de progressistas precisam promover uma educação que rompa com a ideologia dominante e assim, vá acabando com a opressão das classes populares. Uma educação crítica que contraria e neutraliza a tarefa fundamental exigida pelo poder dominante das escolas.

[...] precisamos discutir a reprodução da ideologia dominante
[...] Contudo é possível, dentro das instituições educacionais,
atuar contrariamente aos valores dominantes impostos.
(FREIRE, 1990:74).

Posso usar como exemplo a Educação de Jovens e Adultos, objeto de um estudo profundo do autor. Em suas obras Freire critica os métodos de alfabetização, elaborados a partir de uma cultura de manipulação, que educava o sujeito para a alienação. Estes métodos são as conhecidas e repetitivas cartilhas, que nada têm a ver com a experiência existencial dos alfabetizados. São materiais elaborados para uma mecânica do ato de ler e escrever. Para Paulo Freire, tratar os adultos analfabetos como diferente dos demais é não reconhecer a experiência existencial. Geralmente os adultos são vistos como seres passivos e dóceis e por isso merecem receber "transusão" alienante¹² e desta experiência não poderá resultar nenhuma contribuição para a transformação social.

"Que podem um trabalhador camponês ou um trabalhador urbano retirar de positivo para seu quefazer no mundo, para compreender criticamente, a situação concreta da opressão em

¹² Freire, 1985, p. 17

que se acham, através de um trabalho de alfabetização em que se lhes diz, adocicadamente, que 'asa é da ave' ou que 'Eva viu a uva'?" (Freire, 2007, p.17. C).

Para a promoção de uma educação dialógica e crítica o educador e educadora devem abrir-se para a realidade dos aprendentes, muitos de classe pobre, excluídos, sem força e sem voz. Esquecer a formalidade que as classes dominantes impõe ao sistema de ensino, romper com a ideologia dominante. Buscar na postura dos alunos diante de assuntos presentes em seu cotidiano: falta de moradia, roubos, moradia na favela, dentre outros. Sentimentos fortes de alunos que já viveram todas as dores de morar na favela, que já cataram lixo para sobreviver, que já passaram fome em sua vida, dentre outros. É esta ação do professor e professora que permite alfabetizar jovens e adultos dentro de uma aprendizagem significativa, crítica e consciente.

Freire (2007, p.81. A) nos adverte que: "Se, de um lado, não posso me adaptar ou me 'converter' ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impôr-lhes arrogantemente o meu saber como o *verdadeiro*".

As idéias de Freire aparecem para aniquilar o contexto neoliberal que promove a idéia de um futuro determinado e uma fatalidade. Um contexto em que reina a ética do mercado, do lucro, em que a subjetividade do ser humano é substituída por moeda de troca. "Do ponto de vista das classes dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades" (FREIRE, 2007, p. 99. A).

No artigo *A Arte de Reduzir Mentes*¹³, Dofour questiona o sujeito acrítico que é tolerante à dependência ao comércio, ao interesse, ao lucro, ao ganho. Ele comenta:

"A força da ideologia neoliberal decorre do fato de não começar visando ao homem. Ela cria um novo estatuto do objeto, definido como simples mercadoria, esperando que os homens se transformem ao se adaptarem à mercadoria, apregoada como a única coisa real". (DOFOUR, 2003, p.)

Esta imposição do mercado, que exalta e impõe que os indivíduos sejam submetidos "ao jogo da circulação infinita e ampliada da mercadoria", como diz

¹³ Dany Robert Dofour, 2003. *Le Monde diplomatique*

o autor, “*des-simboliza*” o sujeito. As imposições do mercado e da elite aparecem em uma tendência como naturais e inevitáveis. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual e desqualifica qualquer outro projeto social e político. Falta aos homens e mulheres a marca da liberdade. Quando se suprime a liberdade, surge um ser acomodado, ajustado e acrítico. Submetido a imposições sem o direito de discuti-las, comprometendo sua capacidade criadora, renuncia sem saber seu direito e sua capacidade de decidir.

“Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem Sujeito”. (FREIRE, 2007, p. 50. B)

A educação proposta por Freire pode fazer com que sujeito acomodado ou adaptado, rompa com o pragmatismo, por isso requer uma verdadeira consciência histórica por parte do sujeito. É uma educação que luta pela humanização, porque possibilita as pessoas libertar-se e atuar segundo sua própria vontade, de acordo com o que pensa e sente. Possibilita aos homens e mulheres o otimismo de sentimento de potência e poder. Saindo do papel de espectador acomodado para o papel de alguém que interfere, não mais dirigido ou esmagado por nenhum poder.

A ideologia dominante, que citamos anteriormente, tem a intenção de reforçar seus poderes e em muitos casos usa a educação como veículo. Assim, os excluídos sentem-se responsáveis pela sua situação de miséria ou analfabetismo. São culpados por estar nesta ou naquela situação desvantajosa. E não sabem que é através da exploração de uma determinada classe que a outra acumula riquezas e ganha poder.

“[...] Pessoas assim fazem parte das legiões de ofendidos que não perceberam a razão de ser da sua dor na perversidade do sistema social, econômico político em que vivem, mas na sua incompetência. Enquanto se sentirem assim, pensarem assim, reforçam o poder do sistema, Se tornam coniventes da ordem desumanizante” (Freire, 2007, p. 83. A).

3.1 Conhecer em Paulo Freire

Neste ideal a educação deve oferecer um conhecimento fruto da produção da vivência dos educandos e educandas. Deve ser construído de forma integradora. Não é algo para ser apenas assimilado. Ele deve estar associado à alguma causa, pois não é libertador por si mesmo. O conhecimento é um bem imperativo à cultura de nossa existência. Freire combate à "pedagogia dos conteúdos" que sustenta a memorização e mecanização. Conhecer é arquitetar, construir, imaginar e não reproduzir. O educador cita que

"A alfabetização por exemplo, numa miséria só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extorção da culpa indevida. Isto corresponde a "expulsão do opressor de "dentro" do oprimido, enquanto sombra invasora. A Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade" (FREIRE, 2007, p.83-84. A).

Não mudamos a história sem conhecimento, mas temos que educar o conhecimento para que possamos interferir no mercado como sujeitos. O papel dos educadores e educadoras progressistas é proporcionar aos aprendentes a construção de um conhecimento crítico.

Sabemos que em nossa sociedade neoliberal a pobreza política, cultural e educacional geram também a pobreza econômica e é com esta pedagogia que Freire pensa combater esta "malvadez neoliberal"¹⁴.

Educar, na proposta de Freire, é mais que instruir para a aquisição de conteúdos. É salientar a importância da dimensão cultural no processo de transformação social, enraizada na cultura dos povos. Combatendo a sensação de imediatismo da nossa sociedade pós-moderna. Educar é pensar em longo prazo, é processo, que precisa combater a necessidade de consumismo imediato.

¹⁴ Ver Freire, Pedagogia da Autonomia.

Como educar é um ato político, por isso interventor, o educador e educadora ao exercer suas funções precisam optar em reproduzir a ideologia das classes dominantes ou desmascará-las.

“Outro saber que não posso duvidar um momento se quer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.” (FREIRE,2007, p.98. A)

Em uma sociedade justa, as pessoas devem ter as mesmas possibilidades e oportunidades. Porém, se observarmos o Brasil, o que se percebe é que grande parte da população está esmagada ou pela burocracia escolar ou pela segregação de classes e raças.

Como não se indignar com essa situação? Como aceitar a desigualdade como natural? É possível nos acomodar com esta realidade?

Difícilmente o sujeito que nasce na favela e que é filho de um camelô e de uma doméstica chegará na universidade para receber um diploma. O que contrasta fortemente com os filhos de empresários emergentes que têm uma brilhante carreira escolar ao longo da vida. Por que isso acontece? Por que um país aceita e reforça uma incoerente desigualdade? Será que esta ideologia respeita os famosos direitos humanos?

Não tenho a intenção ou talvez pretensão em tentar respondê-las. Sei porém que a educação proposta neste ensaio é a possibilidade dos esperançosos como eu, Freire e muitos outros que se recusam em aceitar como naturais à violência a que são submetidos os sem esperanças, sem casa, sem escola, sem comida, sem família, sem dinheiro, sem direito, sem constituição os sem lei.

Tomada pela esperança que me move, que me valoriza enquanto ser humano, luto pelo direito que educandos e educadores têm de sonhar, vivo minha sala de aula com a alegria, com amor.

Reconheço-me como sujeito desta história que pode ser transformada pelos cidadãos. Reconheço minha consciência crítica, que me mostra que sou inacabada e que minha tarefa me impulsiona sempre, mais e mais, para a pesquisa. Reconheço que minhas posturas não são apenas de quem gosta de reclamar. Assumo, com minha profissão, uma postura revolucionária. Conheço minha presença no mundo e sei como posso agir. Tenho direito de ser mais, porque sou um ser humano.

Após o estudo e levantamento bibliográfico que algumas obras do educador Paulo Freire, posso perceber que a educação escolar pode ser uma possibilidade de transformar a sociedade. Transformá-la em um espaço de justiça e igualdade. Se todos os cidadãos têm acesso à educação de qualidade, segundo às propostas de Freire, há de se haver lutas dos

estudantes, que conscientes, são militantes do direito de participar, decidir e intervir.

Esta pesquisa possibilitou ampliar meu olhar para a educação. Sou agora, uma pedagoga, envolvida com a construção de um novo mundo possível.

Vou atuar como uma pedagoga que pensa certo. Desejo que minha prática seja pautada nos compromissos e pressupostos abordados neste trabalho, segundo os ideais de Paulo Freire.

Estar compromissada com a ética é um dever de educadores preocupados e engajados.

Quero ser uma profissional reconhecida como educadora e não assumir posturas de "Tia", como se minha tarefa fosse um bico. Exijo respeito porque luto em favor da educação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- DOFOUR, Dany Robert, A Arte de Reduzir Mentes, disponível em http://diplo.uol.com.br/2003-10_a763, acessado em 15 de setembro de 2007 às 09:20.
- A – FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). Impresso 2007
- B – FREIRE, Paulo, Educação como Prática da Liberdade. 30ª edição . Rio de Janeiro. ed. Paz e Terra .2007
- C – FREIRE, Paulo : Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. 12ª edição. ed. Paz e Terra - São Paulo. 2007
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 12.ed. São Paulo, Cortez, 1986 Usei a edição de 2003 e a de 1986
- FREIRE, Paulo : Professora Sim, Tia Não. ed. Olho d'gua - São Paulo. 1997.
- FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido, 9ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança, 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: é ela um quefazer neutro? Educação & Sociedade, nº 1. São Paulo: Cortez, 1978.
- Freire e MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GADOTTI, Moacir .*Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Curitiba, Positivo, 2005. (Séries Práticas Educativas)*
- http://novaescola.abril.com.br/especiais/paulo_freire/paulo_freire_ed71.htm Edição Nº71 Novembro de 1993. Acessado em 06 de Setembro de 2007 às 10:15.
- Revista Viver Mente e Cérebro. Coleção Memória da Pedagogia, Edição 4. Paulo Freire, A Utopia do Saber. 2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE
Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Flávia Assis de Carvalho (20032351153).

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: O ato de educar em Paulo Freire.

ORIENTADOR(A): Profa. Dra. Ângela Maria Sousa Martins

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: MARIA ELENA VIANA SOUZA

Nota: 10,0

Considerações:

Durante a leitura do texto de Flávia foi visualizado suas intervenções em sala de aula, seus comentários nos encontros pelo corredor, suas falas sobre o pai, ou seja, seu texto revela suas posições políticas e pessoais - uma não está desvinculada da outra - trazendo para a área da Pedagogia um aviso de que ainda há esperanças.

Sento certeza que Flávia escreveu esse texto de forma sincera e comprometida verdadeiramente com sua forma de pensar.

Parabéns e muito sucesso nessa sua nova etapa de vida.

DATA: 10/12/2007

Assinatura: Maria Elena Viana Souza

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 9,0 (mové)

Considerações:

A monografia de Flávia apresenta um tema de relevância, está bem estruturado e fundamentado. Deceus de uma temática que mobilizou sua autoria. Pelo espaço empreendido por Flávia, confirmo-lhe a nota 9,0 (mové) O.K.

Data: 31/12/2007

Assinatura: Angela Maria Souza Martins

TERCEIRO AVALIADOR

Professor de Monografia II: Janaina S.S. Menezes

Nota : 9,5

Considerações:

O trabalho contém os principais elementos de uma monografia.

Data: 12/12/07

Assinatura: Janaina

RESULTADO FINAL			
Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Média final
10,0	9,0 (mové)	9,5	9,5